

FRANCO, Antonino, **Marie-Dominique Chenu**, col. «Teólogos del siglo XX», San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid, 2007, 164 p., 210 x 135, ISBN 978-84-285-3227-3.

A colecção «Teólogos del siglo XX» está pensada na suposição de que uma obra teológica não se compreende sem se conhecer o autor que a gerou. E este não é conhecido no segredo próprio do seu pensamento sem um mínimo de contacto com os seus escritos. Depois de outras monografias (M. Blondel, K. Barth, K. Rahner, Y. Congar, E. Schillebeeckx, P. Tillich...) e obedecendo a estrutura semelhante (uma primeira parte biográfica, uma segunda com textos selectos do respectivo teólogo biografado e um complemento bibliográfico, activo e passivo), a San Pablo edita agora esta monografia de M.-D. Chenu.

O autor, especialista na obra deste ilustre dominicano, com quem privou pessoalmente, é director do Istituto di Scienze Religiose de Acireale, professor de Teologia Filosófica e de Teologia Fundamental na Faculdade de Teologia da Sicília e autor de numerosos escritos sobre Chenu.

No presente livro, narra o seu percurso, desde o discipulado de seu mestre neo-escolástico R. Garrigou-Lagrange, passando pelo seu progressivo e decidido distanciamento para uma escolástica aberta à actualidade e pelos seus sofrimentos; nomeadamente por causa da destituição do cargo de director (1932-1942) da Universidade de Le Saulchoir e inclusão no *Index*, por parte do Santo Offício, do seu livro *Le Saulchoir, une école de théologie* (1937). Descreve as marcas específicas da sua teologia: presença na história, «lei da encarnação», teologia do trabalho e da Igreja «em estado de missão». Dá-nos conta do seu contributo na preparação do Concílio Vaticano II, com particular incidência na *Gaudium et spes*. Relata os seus anos de pós-Concílio.

A secção de textos do biografado inclui excertos sobre a ciência teológica, sobre a elaboração da teologia e sobre a ordem teológica. A bibliografia activa inclui as obras e trabalhos mais significativos de Chenu. Para uma bibliografia exaustiva, activa e passiva, deixa uma indicação remissiva para a elaborada por A. Duval.

JORGE COUTINHO

GIUSTINIANI, Pasquale, **Bernard Lonergan**, col. «Teólogos del siglo XX», San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid, 2007, 230 p., 210 x 135, ISBN 978-84-285-3228-0.

No interior da mesma colecção «Teólogos del siglo XX» e obedecendo ao mesmo modelo de fundo, a monografia sobre o teólogo canadiano B. Lonergan – jesuíta e professor que foi no Regis College (Canadá) e na Gregoriana e autor de obras como *Método em Teologia* e *Insight: estudo sobre a compreensão humana* – põe em relevo a sua preocupação mais fundamental: que fazemos quando conhecemos? Formado na tradição neo-tomista, preocupou-se especialmente com o problema do método, como decisivo para o conhecimento, seja em geral em especial quando aplicado à teologia. O método teológico não tem que ser abstracto; antes provoca no teólogo um caminho de conversão intelectual, moral e religiosa. Implica quatro princípios fundamentais: «sê atento, inteligente, razoável e responsável». Um método assim, ao mesmo tempo que permite ao teólogo nutrir-se da tradição, possibilitar-lhe-á o diálogo com a ciência contemporânea.

O autor da monografia, depois de informar sobre a trajectória biográfica de Lonergan, expõe a sua maneira de encarar a teologia, a sua ideia de *insight*, a sua crítica do «realismo ingénuo», decorrente do confronto

com a modernidade, a sua noção de «realismo crítico» que propõe como alternativa adequada, a conseqüente substituição de uma «teologia teórica» por uma «teologia metódica». Faz o balanço dos consensos e dissensões em torno da sua proposta.

A parte dedicada a uma amostragem de textos do autor monografado é preenchida com um excerto sobre as origens do realismo cristão. O volume é completado com a bibliografia activa e passiva.

JORGE COUTINHO

MARTÍNEZ LOZANO, Enrique, **¿Qué Dios y que salvación? Claves para entender el cambio religioso**, Desclée de Brouwer (www.edesclée.com), Bilbao, 2008, 280 p., 210 x 150, ISBN 978-84-330-2222-6.

Martínez Lozano é, simultaneamente, psicoterapeuta, sociólogo e teólogo. Na sua própria formação e personalidade, está preparado para uma compreensão interdisciplinar dos graves problemas que aborda neste livro: que Deus? que salvação? Mas também: que Igreja e que crente? Por suposto, subentendido sempre: que Deus, etc. devem ser pensados (e/ou realizados/vividos) no contexto presente da história cultural. A sua preocupação de fundo é, pastoralmente, a de ajudar a compreender o mal-estar e a dificuldade que hoje se sente em falar de coisas como Deus, salvação, Igreja, e do género. E de propor alternativas.

O discurso é conduzido, socrática e platonicamente, em forma dialógica (diálogo com perguntas e respostas) e dialéctica, porque cada pergunta provoca a resposta e cada resposta provoca uma nova pergunta, num processo de pensamento sempre a progredir em círculo aberto.

O que mais frequentemente se designa como profunda mutação cultural, é aqui apresentado, em termos, no fundo equivalentes, de novo estágio da consciência e novo paradigma da vida. De facto, o texto começa com um primeiro grande capítulo – «A evolução da consciência: estádios e paradigmas» – em que o autor analisa a evolução da consciência (enquanto «modo de percepção da realidade»: p. 13). Seguem-se os capítulos «Que Deus?» e «Que salvação?», e ainda um epílogo («Que Igreja e que crente?») e um anexo («Que eu? Modalidades da prática meditativa»).

Kuhnianamente, o autor utiliza, de modo feliz, o conceito de paradigma e, bem assim, o gadameriano de horizonte (histórico) de compreensão. O processo histórico, necessariamente evolutivo, de procura da verdade obedece, então, a pressupostos e a paradigmas. Os três grandes paradigmas são o pré-moderno, o moderno e o pós-moderno. De um estágio primitivo, mágico e mítico, passou-se ao de uma consciência racional-egoica, até se chegar ao tempo que nos toca, da chamada pós-modernidade, o qual é aqui apresentado como o de uma consciência transpessoal, por mais que a maioria das pessoas continue a cultivar um feroz individualismo, herdado do estágio moderno. O estágio pós-moderno é caracterizado através da metáfora da *rede*, como cultura da dissolução do «eu». Tem as suas expressões concretas em realidades como a internet, a globalização ou a Nova Era (*New Age*).

A evolução da consciência corresponde a evolução da ideia de verdade e do que é entendido como verdade sobre coisas essenciais, como Deus e a salvação. Como pensar estas coisas no interior deste novo estágio da consciência? Na sua tentativa de resposta, Martínez Lozano parece, aqui e além, exceder o razoável, denunciando talvez ausência de uma mais sólida formação filosófica. Tal acontece, p. ex., quando